

NAYANA CORRÊA BONAMICHI

## **FEIRAS LIVRES**

**Um breve estudo sobre tradição urbana, sociabilidade e resistência  
na cidade do Rio de Janeiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Robert Moses Pechman

Rio de Janeiro

2013

Espaço destinado à Ficha Catalográfica

NAYANA CORRÊA BONAMICHI

## **FEIRAS LIVRES**

### **Um breve estudo sobre tradição urbana, sociabilidade e resistência na cidade do Rio de Janeiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.Dr. Robert Moses Pechman  
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - UFRJ

---

Profa. Dra. Soraya Silveira Simões  
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - UFRJ

## RESUMO

Mesmo em meio ao dinamismo dos grandes centros urbanos, a tradição das populares feiras livres de rua sobrevive. Modernas formas de varejo alimentar se confrontam com as velhas e, mesmo aquelas se impondo com toda a força e ideologia da modernidade, o novo se depara com a recusa da velha feira livre de se extinguir. A tradição das populares feiras livres está embutida na cultura da vida de rua dos pequenos e grandes centros urbanos brasileiros. Ainda que historicamente remodelada, persiste até mesmo nas grandes metrópoles. As populares feiras livres de rua do Rio de Janeiro como hoje as conhecemos - idealizadas ainda no começo do século XX como projeto de modernização das formas de varejo alimentar herdadas do período colonial - passaram a ser muitas vezes acusadas de obsolescência. Este trabalho trás uma breve discussão sobre o lugar das feiras livres diante da herança de um modelo de urbanismo progressista, da hegemonia das modernas formas de varejo alimentar e da negação da rua como lugar da permanência e do encontro diante da emergência de tipos de sociabilidade confinadas que negam a diversidade urbana dos espaços de franco acesso. Através da coleta de depoimentos que buscam apreender os diversos imaginários construídos sobre algumas feiras livres da cidade do Rio de Janeiro, este trabalho objetiva pontuar algumas questões que possam ajudar a compreender a força desta antiga tradição essencialmente urbana que resiste como forte cultura de rua.

**Palavras-chave:** Feiras Livres. Sociabilidade Urbana. Vida de rua. Tradição Urbana.

## **ABSTRACT**

Even amid the dynamism of large urban centers, the tradition of the popular street fairs survives. Modern forms of food retailing are confronted with the old forms, and even those ones imposing it selves with the force and ideology of modernity, the new forms faces at the rejection of the old street fair to extinguish. The popular tradition of fairs is embedded in the culture of street life of small and large Brazilian cities. Although historically refurbished, it persists even in large cities. The popular Rio de Janeiro street fairs as we know them today - idealized in the early twentieth century as a modernization project of the forms of food retailing inherited from the colonial period - were for many times accused of obsolescence. This work brings a brief discussion on the place of street fairs against the inheritance of a progressive model of urbanism, the hegemony of modern forms of food retailing and the denial of the street as a place of permanence and meeting against the emergence of types of confined sociability that deny the diversity of urban free access spaces. By collecting testimonies that seek to grasp the various imaginary built on some street fairs in the city of Rio de Janeiro, this work aims to score some questions that may help us to understand the power of this ancient essentially urban tradition that endures as a strong street culture.

**Keywords:** Street Fairs. Urban Sociability. Street Life. Urban Tradicion.

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FEIRAS LIVRES E SOCIABILIDADE URBANA: DO IMPESSOAL AO PESSOAL</b>	<b>9</b>
2.1	Sociabilidade confinada: breves considerações sobre o lugar da feira livre diante da negação da rua como lugar do encontro	9
2.2	Feiras livres e sociabilidade urbana	10
<b>3</b>	<b>DO NOVO AO VELHO</b>	<b>13</b>
3.1	As feiras livres no contexto histórico da modernização do rio de janeiro no início do século XX	13
3.2	A feira na cidade, a cidade na feira – da liberdade ao controle	15
3.3	A feira livre no contexto do urbanismo moderno	17
3.4	O desenvolvimentismo pós 1964 e o lugar da feira livre com a modernização do varejo alimentar	18
3.5	A modernização do varejo alimentar e o conflito com a permanência do “velho”	21
<b>4</b>	<b>O IMAGINÁRIO DA FEIRA E SUA RESISTÊNCIA</b>	<b>24</b>
4.1	“É dia de feira!”: Estudos empíricos	24
4.2	Feiras livres: tradição e resistência	28
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>35</b>

# 1 INTRODUÇÃO

As populares feiras livres de rua, atividades que possibilitam uma intensificação da experiência urbana da troca, seja de mercadorias ou de saberes e culturas, sofrem por muitas vezes acusações de obsolescência frente a hegemonia e a modernização do varejo alimentar. Como atividade essencialmente urbana que ocorre com determinada periodicidade, geralmente em espaços públicos, o exercício do controle por meio do poder público sobre esta atividade significa o exercício de domínio sobre o próprio uso do espaço público; significa uma tentativa de promoção de uma determinada ordem urbana, um desejo do controle sobre a forma como a cidade se mostra através de seu mercado de rua. A massiva promoção dos super e hipermercados como modernas e higiênicas formas de varejo alimentar, somada a ideologia de um urbanismo progressista que nega a rua como local da permanência também têm contribuído para a ressignificação das populares feiras livres de rua.

A sociabilidade confinada e o temor da violência urbana crescente inauguram nas últimas décadas um estilo de vida onde a rua perde seu significado tradicional de local privilegiado da convivência tranquila, do lazer infanto-juvenil e de diversas possibilidades de interação na vida comunitária, para tornar-se árida via monopolizada pelo automóvel. A “morte” da rua (Holston, 1993; Choay, 1982) e todo seu folclore engloba a “morte” das feiras livres, literalmente ausentes nos bairros e cidades pautados pelo urbanismo progressista. (MASCARENHAS, 2005, p. \_\_)

A resignificação do uso da rua e a resignificação da feira livre como atividade arcaica e anti-higiênica frente à hegemonia do moderno mercado de varejo alimentar são colocados por Mascarenhas (2005 e 2008) como fatores que contribuem para o enfraquecimento das populares feiras livres de rua como forma de abastecimento alimentar. No entanto, estas atividades sobrevivem como importante forma de troca (de mercadorias e de saberes) e como possibilidade de manutenção de um tipo peculiar de cultura da vida de rua e de sociabilidade urbana, na contramão do processo de promoção da rua como território da insegurança, da passagem e não da permanência/apropriação, do espaço que “não é de ninguém” contra o lugar que “é de todos nós”.

Como consequência de um longo período de evolução, as feiras livres passaram de uma tentativa de modernizar o arcaico comércio ambulante ao que Mascarenhas (2005) chama de “estratégias informais de sobrevivência”, formada por

um “conjunto de práticas alheias ao projeto civilizatório das modernas cidades norte-americanas, por isso uma *anomia*, uma *patologia social* [...] o *folk sector* está dentro da cidade sem fazer parte dela” (Friedmann *apud* Mascarenhas, 2005, grifos no original); Por isso, as feiras livres são tidas como “transgressões” (Silva *apud* Mascarenhas,2005).

Os motivos da sobrevivência deste tipo de atividade tipicamente urbana e seu papel na resignificação da rua como lugar da troca e da sociabilidade é o que este trabalho pretende questionar, ainda que de maneira breve.



## **2 FEIRAS LIVRES E SOCIABILIDADE URBANA: DO IMPESSOAL AO PESSOAL**

### **2.1 Sociabilidade confinada<sup>1</sup>: breves considerações sobre o lugar da feira livre diante da negação da rua como lugar do encontro**

Neste capítulo, será feita uma breve discussão sobre a emergência e consolidação de formas de sociabilidade confinadas, onde é fortemente pregado o discurso da insegurança urbana diante do convívio com o “outro” e massivamente promovida as vantagens da segurança e do conforto do convívio entre os iguais. A disseminação de um sentimento de insegurança diante dos espaços públicos de franco acesso, da negação destes espaços enquanto lugar do encontro e do convívio nos leva ao questionamento sobre o lugar da feira livre enquanto atividade essencialmente urbana que promove o uso da rua como lugar do encontro e constitui território de livre acesso, por muitas vezes forte representante da diversidade urbana.

Quanto mais tempo se permanece num ambiente uniforme – em companhia de outros “como nós”, com os quais é possível “se socializar” superficialmente, sem correr o risco de mal-entendidos e sem precisar enfrentar a amolação de ter de traduzir um mundo de significados em outro -, mais é provável que se “desaprenda” a arte de negociar significados em *modus convivendi*. Como as pessoas esqueceram ou negligenciaram o aprendizado das capacidades necessárias para conviver com a diferença, não é surpreendente que ela experimentem uma crescente sensação de horror diante da idéia de se encontrar frente a frente com estrangeiros. Estes tendem a parecer cada vez mais assustadores, porque cada vez mais alheios, estranhos e incompreensíveis. [...] É possível que o impulso para um ambiente homogêneo, territorialmente isolado, tenha origem na mixofobia: no entanto, colocar em prática a separação territorial só fará alimentar e proteger a mixofobia (embora seja importante dizer que ela não é o único elemento em jogo no campo de batalha urbano). (BAUMAN, 2005, p.46).

---

<sup>1</sup> O termo “*sociabilidade confinada*” é usado por Mascarenhas (2005, p. \_\_) quando se refere ao “temor da violência urbana crescente [que] inaugura nas últimas décadas um estilo de vida onde a rua perde seu significado tradicional de local privilegiado da convivência tranquila”.

No trecho acima citado, Bauman defende que a sociabilidade restrita aos semelhantes, fechada dentro de núcleos privados, resulta na perda do convívio saudável entre os diversos. O estranhamento, o individualismo da vida moderna e as possibilidades de fuga e isolamento – condomínios fechados e isolados, verticais e horizontais, *shoppings centers*, espaços de uso coletivo de público restrito – refletem uma sociedade cada vez mais insegura diante da diversidade social e alimentam ainda mais esta condição, em um círculo vicioso de isolamento que gera mais estranhamento.

Diante da possibilidade da fuga dada, os espaços públicos se configuram ainda mais como lugares potenciais para o encontro das diversidades e para o exercício da urbanidade – qualidade de urbano, sinônimo de civilidade. Porém, a transformação destes espaços comuns em lugares da não permanência e a insegurança urbana colocam em risco este potencial. Para Bauman (2005, p.49), a mixofobia (medo de se misturar) é uma condição cada vez mais forte na sociedade moderna, no caminho oposto, a mixofilia (o encontro, a diversidade), é o que pode e deve ser cada vez mais incentivado pelos planejadores urbanos.

No sentido contrário, a feira livre tem um “papel histórico e crucial, de lugar do encontro, do espontâneo, do provisório, da diversidade cultural” (idem, *ibidem*). As populares feiras livres de rua se configuram como um tipo de atividade essencialmente urbana que promove a retomada do uso da rua como lugar da permanência, da troca, do encontro. Somado a isto, constituem territórios de acesso democrático, muitas vezes representativos da forte expressão da diversidade urbana. Como defendido por Mascarenhas em trecho acima, a crescente sociabilidade confinada e a promoção da rua como o inseguro somados a outros fatores a serem discutidos posteriormente, influenciam na perda de parte da força das populares feiras livres de rua frente a hegemonia do discurso da segurança e conforto da sociabilidade entre os iguais.

## **2.2 Feiras livres e sociabilidade urbana**

Segundo Mascarenhas (2008,p.75):

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade

pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas [...]. Desempenham ainda hoje papel relativamente importante no abastecimento urbano.

As feiras livres, em suas diversas configurações, aglomeram multidões e se configuram como importantes espaços de sociabilidade. São atividades de base econômica, mas que muito transcendem a esfera comercial; São espaços de mobilidades comerciais e sociais onde se erguem redes de sociabilidades (ARAÚJO E MORAIS, 2006, p.247). Em uma ambiência de informalidade, as frias relações existentes na troca moeda-mercadoria das modernas formas de varejo alimentar sedem espaço a relações informais mais próximas, que envolvem a troca não só de mercadorias mas social e de saberes. As feiras livres se configuram como locais de estadia e de lazer, sua ambiência informal ganha força nos ambientes públicos de livre permanência.<sup>2</sup>

A tradição do “dia de feira” ganha a amplitude de uma confraternização para aqueles que têm nesta atividade um importante momento de lazer e intensa sociabilidade. Para essas pessoas, a tradição do “ir à feira” vira um ritual carregado de valor simbólico e afetivo; “A presença de elementos populares no cotidiano de uma feira livre [...] mostra também a possibilidade destes elementos realizarem encontros festivos no interior da feira, exercendo espontaneamente formas de sociabilidade” (MASCARENHAS, 2008, p.77). Para Guimarães (2010, p.03), o evento da feira livre se insere como “possibilidade de integração social, celebração de costumes e força instauradora dentro da rotina, possuindo inclusive diversos aspectos semelhantes ao de uma festividade”.

Mascarenhas ainda defende as feiras livres não só como lugares de anônima aglomeração periódica, mas como espaços de sociabilidades específicas. Na feira livre se instala o uso, impresso pela dinâmica da vida e estimula o uso coletivo dos espaços públicos, ajuda a manter viva a cultura da vida de rua no que seria uma via contrária ao processo de expansão da agorafobia, dos condomínios fechados e shoppings centers.

---

<sup>2</sup> Para Mascarenhas: “Em contraposição ao ambiente frio e formal dos supermercados, as feiras constituirão um verdadeiro reduto comunitário dentro da cidade de concreto” (2008, p.81).

A atividade da feira livre, no momento da apropriação da rua, volta a afirmar este espaço como o local do encontro e nega a sua condição de local de passagem, da não permanência.

### 3 DO NOVO AO VELHO

#### 3.1 As feiras livres no contexto histórico da modernização do rio de janeiro no início do século XX

A histórica reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, promovida pelo então prefeito Francisco Pereira Passos e inspirada pelas reformas de Haussmann em Paris, buscou transformar a cidade em uma moderna capital nos moldes franceses<sup>3</sup>. Seu conhecido bota-abaixo remodelou a área central do Rio de Janeiro não somente no tocante à sua forma urbana como também nas práticas cotidianas e populares desenvolvidas nos seus espaços públicos, o que incluiu a remodelação das consideradas arcaicas e anti-higiênicas formas de varejo alimentar predominantes na época.

Já a partir do final do século XIX começam a ser multiplicados os mercados fechados, mas somente com Pereira Passos estes ganham grande apoio governamental (MASCARENHAS, 2008, p.08). Ao mesmo tempo, através do Decreto 997 de 13 de outubro de 1904, Pereira Passos instituiu formalmente um novo modelo de abastecimento alimentar para o município do Rio de Janeiro: as feiras livres. Tal Decreto criou o modelo de feira livre existente ainda hoje no Rio de Janeiro e surgiu para substituir e modernizar as pitorescas formas de abastecimento alimentar herdadas do antigo Rio colonial. Tratava-se de uma das estratégias de transição entre as formas de varejo alimentar da antiga cidade colonial - que eram baseadas principalmente no comércio de vendedores ambulantes e negras quitandeiras - e a nova Capital moderna. No antigo contexto, os vendedores ambulantes estavam presentes por todas as ruas da cidade, “desde os aguadeiros até os mascates que vagavam pelos logradouros com suas malas repletas de quinquilharias e gritos escandalosos característicos” (PARGA, 1996 apud MASCARENHAS, 2008, p. 06).

Sob alegação de defesa da higiene e saúde pública, as intervenções de Pereira Passos regulamentaram de maneira progressiva as antigas atividades de comércio e usos do espaço público da cidade. A nova forma de varejo alimentar instituída por

---

<sup>3</sup> Ver Benchimol, 1990.

ele foi inspirada em modelos europeus, baseada em princípios de beleza e higiene e, segundo Mascarenhas (2008, p. 07), tendo talvez como principal precursora aqui no Brasil as populares quitandas presentes em algumas cidades desde o período colonial. Tais quitandas eram caracterizadas pela aglomeração de negras ao ar livre, acocoradas ou com tabuleiros, que se encontravam em pontos pré estabelecidos para a venda de produtos de lavouras pequenas e pesca.

O processo de territorialização destas modalidades populares de comércio se consumou através das muitas décadas de uma urbanização acelerada, porém baseada em muitos aspectos no modelo colonial. A manutenção de um traçado aparentemente irregular, próprio da colonização lusitana, repleto de ruas estreitas e dotado de poucos espaços amplos, resultou na configuração de uma trama congestionada e ruidosa de pontos de comercialização varejista. (MASCARENHAS, 2008, p. 07).

Durante um longo período (até o ano de 1916) as feiras livres funcionariam em caráter experimental, somente aos fins de semana e feriados. A partir deste ano, as feiras começam a funcionar diariamente o que fez com que, neste período anterior, os mercados cobertos fossem os responsáveis pela maior parte do abastecimento alimentar da cidade (MASCARENHAS, 2008, p.09).

No novo modelo de varejo alimentar da feira livre, as atividades varejistas eram rigidamente fiscalizadas (condições de higiene, padrão de cores dos toldos das barracas, posição das barracas, horários, etc.). Conseqüentemente, o ambiente das antigas quitandas passam a ser reconhecidos como arcaicos e a feira livre passa a assumir uma posição de símbolo da modernização do comércio alimentar da cidade.

Os ideais de civilidade contidos no projeto modernizante de Pereira Passos não eram condizentes com a permanência de feiras africanas e outras práticas de comercialização pelas ruas da cidade. Não obstante a importância destes agentes no abastecimento urbano e na provisão de oportunidades de trabalho, bem como na manutenção de territórios de sociabilidade informal, a Reforma Passos procurou banir tais usos, desterritorializando formas de sobrevivência e de sociabilidade tidas como impróprias. Em seu lugar estabeleceu territórios de alto grau de disciplina e controle: mercados cobertos e feiras livres. (MASCARENHAS, 2008, p. 11).

A estratégia de remodelação e ordenação das antigas formas de varejo alimentar através da instituição formal do modelo de feira livre existente ainda hoje evidencia o papel que esta atividade teve na modernização do varejo alimentar no

início do século XX na cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que as feiras livres surgem como forma de substituir as arcaicas e anti-higiênicas formas de varejo alimentar herdadas do período colonial, estas também surgem como possibilidade de controle sobre as territorialidades populares construídas através do comércio de bens alimentícios no seio dos espaços públicos do antigo Rio de Janeiro pré Pereira Passos e indesejadas na nova capital moderna inspirada em moldes franceses.

A criação, ainda no início do século XX, do modelo de feira livre existente até hoje na cidade do Rio de Janeiro nos mostra que esta modalidade de abastecimento alimentar está embutida no seio das tradições urbanas do Rio de Janeiro. Com mais de um século de existência, em parte herança das antigas quitandas negras, em parte inspiração europeia, esta atividade persiste ainda hoje. Criada como símbolo da modernização do varejo alimentar, sofre muitas vezes com a hegemonia das modernas formas de varejo alimentar mas resiste como forte tradição da cultura de rua do Rio de Janeiro.

### **3.2 A feira na cidade, a cidade na feira – da liberdade ao controle**

A grande cidade está ali, na feira-livre. A fisionomia mais verdadeira. Todos os detalhes. Os gestos. As movimentações. Todo esse bárbaro, desordenado e vivo dinamismo. E no meio dos homens se empurrando, das mulheres gordas que praguejam, das raças que vieram de longe e se fundiram, o calor forte, o calor do Brasil, batendo no chão e despedaçando a felicidade das coisas. (COSTA apud MASCARENHAS, 1991,p.19)

Deste a antiguidade, os mercados públicos e as feiras livres sintetizam parte da vida dos centros urbanos (BONDUKI, 2013). Trata-se de manifestações culturais complexas que são características de cada cidade e onde cada povo apresenta e exhibe sua produção, sua arte, sua cultura, sua cara. As populares feiras livres de rua possibilitam acesso democrático a um território onde parte da cultura popular se funde e se mostra como em uma vitrine. “A feira é um eterno *vernissage*”, um “templo de consumo democrático que resiste à ditadura dos super e hipermercados” (JORNAL DO BRASIL, 1990, p. 08-10).

Em meio ao dinamismo dos grandes centros urbanos, a tradição cultural das populares feiras livres de rua sobrevive. Nestas, o novo se encontra com o velho e, mesmo se impondo com toda a força da ideologia do moderno, o novo se depara

com a recusa da velha feira livre de se extinguir. A tradição das populares feiras livres está embutida na cultura da vida de rua dos pequenos e grandes centros urbanos brasileiros. Faz parte da identidade popular e, mesmo historicamente remodelada, persiste até mesmo nas grandes metrópoles onde a hegemonia do moderno varejo alimentar dos super e hipermercados é ainda mais fortemente estabelecida.

Cria-se uma relação direta entre produtores e compradores e entre artistas e público, o que gera um fascinante intercâmbio de experiências, de vivências, de línguas, de dialetos, de práticas sociais. Mas, justamente por isto, como afirmado por Bonduki (2013, p. 45) e relatado no capítulo anterior deste trabalho, as feiras livres também acabaram atraindo, desde muito cedo, a atenção do Estado. Segundo aquele autor, há tempos que o poder público – movido por temores morais, higiênicos e políticos – tenta controlar as feiras e os mercados através de estratégias como confinamento de antigos mercados abertos ou feiras livres em espaços fechados sujeitos a uma série de normas de atividade. Bonduki (*idem, ibidem*) menciona o regulamento do Mercado da Candelária, no Rio de Janeiro – segundo ele, o primeiro do Brasil a ser segregado em um edifício, no século XIX –, e que estipulava horários de funcionamento e taxava antecipadamente as bancas, gerando exclusão social.

Os regulamentos também abafavam manifestações culturais que surgiam nos mercados e que era consideradas alheias à elite dominante. O “Código de Conduta do Mercado da Candelária” restringia a presença de negros no local e estipulava: “É absolutamente proibido todos e quaisquer ajuntamentos, tocatas, danças e palavras ofensivas da moral pública” (BONDUKI, 2013, p. 47). No entanto, tais tentativas de controle não vieram sem resistência e os movimentos mercantil e cultural resistiram fortemente. “[...] as feiras se transformavam em verdadeiras festas – tradição que nem mesmo a televisão e os supermercados conseguiram eliminar” (*idem, ibidem*, p. 47).

São encontrados nas feiras-livres territórios propícios para a manifestação de tipos informais de sociabilidade. Trata-se de mercados inteiramente abertos e atraentes, convidativos, coloridos em aroma e paladar e atraem pessoas pertencentes às mais diversas classes econômicas e sociais. A possibilidade de



pechinchar, discutir o preço com o freguês; a feira é como um espaço de resistência cultural frente ao avanço das relações impessoais que são impostas à cidade. “Os interesses do capital condicionam a vida moderna, através do chamado urbanismo progressista, onde a racionalidade estética se sobrepõe à tradição cultural [...]” (MASCARENHAS, 1991, p. 20).

### **3.3 A feira livre no contexto do urbanismo moderno**

Como resultado de longa evolução dos mercados a céu aberto, de remota origem ibérica, redefinidos no contexto urbanístico da racionalidade higienista da Belle Époque, a feira livre representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua, que há décadas sofre acusações de obsolescência, pela difusão ilimitada da automobilidade e das modernas formas de varejo (sobretudo os supermercados). (MASCARENHAS, 2008, p.74).

Para o urbanismo progressista a rua com seu uso tradicional da permanência e do encontro compromete uma das funções principais do sistema viário urbano: a de circulação de veículos automotores. Um dos ideais pregados por este modelo de urbanismo é que a sobreposição de funções, como circulação e lazer, causa desordem circulatória, fato que vai contra os princípios de cidade moderna funcional massivamente pregada por sua ideologia.

A mentalidade urbanística moderna está presente não apenas nos projetos tecnocráticos da extinção ou remoção das feiras-livres, mas também no imaginário do cidadão que se queixa do barulho e sujeira proporcionado em sua rua pela feira (MASCARENHAS, 1991, p. 20). O autor ilustra a fala acima colocada mencionando o caso dos Planos Pilotos de Brasília e da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, planos elaborados sob os princípios do Urbanismo Moderno e onde as feiras livres eram claramente ausentes à época do desenvolvimento do seu trabalho.

É importante lembrar, no entanto, que a veiculação desta nova ideologia do moderno não se deu apenas no plano urbanístico. A criação de um imaginário sobre as populares feiras livres de rua como atividades arcaicas e anti-higiênicas se deve em grande parte também à popularização dos super e hipermercados e a todo o discurso que esta popularização trouxe. As feiras livres passam a ser taxadas como o “velho” enquanto as novas formas de varejo alimentar, modernas e portadoras do “american way of life” são massivamente promovidas como arcaicas.

A feira livre é hoje um território convencional que resiste aos imperativos de uma ordem burocrática, padronizante e impessoal, que Milton Santos (1985) denomina Meio Técnico-Científico. É um espaço participativo, onde o feirante, com a intensa dramatização que lhe é particular, lança mão de sua criatividade a cada instante. (MASCARENHAS, 1991, p. 23).

### **3.4 O desenvolvimentismo pós 1964 e o lugar da feira livre com a modernização do varejo alimentar**

No período pós 1964 o país assume uma postura de modernização e abertura econômica já iniciada na década de 1950, com Juscelino Kubitschek. Tal postura é sustentada por um regime de repressão a movimentos sociais como forma de garantir este processo de modernização (chegada maciça de capital internacional e desenvolvimento do modo de produção capitalista).

No período pós 64 o circuito superior apresenta condições ideais para se expandir sobre vários setores da economia brasileira. A formação das modernas centrais de abastecimento (financiadas pelo Estado) e a expansão dos supermercados [...] são reflexos diretos deste processo. Constituem segmentos do circuito superior que emergem neste período e com os quais a feira-livre terá de se relacionar, se submeter, e assim se adaptar à nova situação. (MASCARENHAS, 1991, p.93).

O mercado consumidor rapidamente assimilou o que Mascarenhas chamou de 'euforia desenvolvimentista'. Empurrados pelo trabalho incessante dos meios de comunicação de massa, por sua vez estimulados pelo regime militar, progressivamente trabalhavam na construção de uma nova ideologia da inovação em vários aspectos da vida cotidiana da população. A ação destes meios de comunicação de massa foi essencial para estimular o consumismo e a construção de novos padrões comportamentais nacionais, como, por exemplo, a passividade política.

No período conhecido como "milagre brasileiro", entre 1969 e 1974, grandes investimentos públicos e privados aceleraram o crescimento econômico do país, ao mesmo tempo, a censura político-ideológica dos meios de comunicação de massa

garantiam a propagação dos ideais de modernização pregados pelo regime. Para Mascarenhas (1991, p. 95):

Se trata de um momento crucial para a sobrevivência das feiras-livres brasileiras, literalmente colocadas em risco. Sendo alvo de fortes pressões, em algumas cidades chegaram a ser extintas, enquanto em outras apenas persistiu pelo hábito arraigado da população e pelo maciço desemprego que geraria caso fosse extinta.

As populares feiras livres desfrutavam de grande prestígio na cidade do Rio de Janeiro até o início da década de 1960. No entanto, o processo de reformulação do modelo de abastecimento alimentar brasileiro se torna cada vez mais necessário frente ao ideal de modernização nacional em voga. Uma interessante crítica feita por Ferreira Netto (1967 *apud* Mascarenhas, 1991, p. 132), que acusa de obsolescência o modelo então vigente de comércio alimentício no Brasil mostra a imposição ideológica de um modo de vida americanizado como símbolo de progresso e modernização nacional:

As posturas e os regulamentos que regem o comércio de produtos alimentícios em nosso país, são de tal forma arcaicos que datam de muito antes do aparecimento do primeiro supermercado nos Estados Unidos (...) é de se notar ainda que nossas autoridades também desconhecem o supermercado como concepção revolucionária de industrialização e comercialização de gêneros, bem como a genial mecânica de seu funcionamento técnico, nada tendo feito para a criação de uma legislação especial que favorecesse o estabelecimento em massa deste tipo de empreendimento.

Durante o período chamado de milagre brasileiro, o Estado reformula sua política de abastecimento alimentar a nível nacional criando novas centrais com áreas destinadas ao varejo para a progressiva substituição do antigo modelo de abastecimento formado pelas feiras livres (Mascarenhas, 1991, p. 133). É aprovado, em 1970, o primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento, no qual um dos objetivos foi a intensa expansão das modernas redes de auto-serviço - principalmente nos grandes centros urbanos - contra a anacrônica forma de varejo da feira livre.

O Decreto 1174, de 1974 propõe um zoneamento com base no qual as atividades das feiras livres seriam reguladas de maneira espacialmente distinta. O artigo 6º deste decreto estipula que vagas que vierem a ocorrer em feiras livres que funcionassem em alguns dos setores deste zoneamento não poderiam ser repostas.

Tal fato colocava tais feiras livres em um processo de extinção gradual. “Governo espera que feiras livres desapareçam naturalmente mas 183 continuam ativas” (JORNAL DO BRASIL, 31/03/1973 *apud* MASCARENHAS, 1991, p. 147).

Supermercados receberam auxílio para que se acelerasse o processo de modernização do varejo alimentar brasileiro. Deste modo, se difundiram rapidamente estes novos estabelecimentos pautados no auto-serviço organizados em grandes redes empresariais ao mesmo tempo em que se adaptavam ao moderno sistema urbano pautado na automobilidade. O Rio de Janeiro, em 1969 contava com 50 destes estabelecimentos. Em 1975, no entanto, este numero já era de 573 unidades (MASCARENHAS, 1991, pag. 133).

O crescimento econômico do período conhecido como o “milagre brasileiro” pôde razoavelmente absorver o rápido aumento de mão de obra disponível oriundo do intenso processo de urbanização pelo qual passou principalmente os grandes centros urbanos brasileiros nas décadas anteriores. No Rio de Janeiro o *boom* da construção civil ocasionado pela construção da ponte Rio-Niterói, e o *boom* do mercado imobiliário ocasionado pelo Sistema Financeiro de Habitação foram exemplos da grande capacidade de absorção de mão de obra em uma cidade com um fraco parque industrial. Na década de 1980, o setor da construção civil assim como vários outros setores econômicos sofrem com a estagnação da economia “fazendo com que a marginalidade urbana atinja índices até então inéditos. Simultaneamente, um lento e conturbado processo de redemocratização coloca nas ruas e nas urnas um voto de protesto às injustiças sociais criadas.” (MASCARENHAS, 1991, p. 96).

Este novo cenário sociopolítico faz com que o mercado informal urbano volte a crescer e com ele o numero de camelôs e feiras livres. A análise do crescimento do numero de feiras livres em São Paulo até o inicio da década de 1990 mostra o que Mascarenhas (*idem, ibidem*) define como “estatísticas totalmente impensáveis há vinte anos atrás [década de 1970], quando todas as previsões indicavam, pelo menos entre empresários e técnicos, a substituição das feiras pelos supermercados”. As feiras livres se tornam, assim, uma alternativa a parcelas marginalizadas da população que a elas recorrem como forma de sobrevivência.

As atividades das feiras livres, sem qualquer tipo de fiscalização, mergulha na economia informal e cada vez mais passa a ser vista como uma forma distante e atrasada de comércio. “Torna-se um território desprezado pelas políticas públicas por não estar em compasso com as novas tendências econômicas e culturais mundiais” (MASCARENHAS, 2008, p.81). Porém, como “forma de sobrevivência para milhares de famílias de baixa renda” a feira livre persiste e resiste ao “processo acentuado de negação da rua, do espaço público de franco acesso, que vem marcando a urbanização brasileira nas últimas décadas” (idem, ibidem, p.79).

### **3.5 A modernização do varejo alimentar e o conflito com a permanência do “velho”**

Por se tratarem de atividades destinadas à distribuição varejista de alimentos e alguns itens de consumo não duráveis, as feiras livres e os supermercados se tornam atividades em situação de concorrência, o que intensifica a iminência de conflitos. Mascarenhas chama atenção por serem estas atividades formas de varejo que surgem no cenário urbano em momentos distintos, organizados por agentes sociais diferentes no que tange ao poder econômico e político, conformando assim, uma sociabilidade e uma espacialidade também diferenciadas (1991, p. 124).

O elevado nível de capitalização dos modernos super e hipermercados, o alto investimento midiático, a expansão de grandes redes hegemônicas fortemente contrastam com a ambiência informal e a falta de capital da popular feira livre de rua.

No plano do imaginário, recriam-se as feiras livres como territórios do desconforto, do informal, do transtorno, do atraso, do barulho e sujeira das ruas, enquanto os supermercados são massivamente apresentados como portadores do novo, do belo, do conforto, do “american way of life”. (MASCARENHAS, 2008, p.79)

Esta modernização do varejo alimentar, a popularização dos super e hipermercados, somados ao enrijecimento das leis higienistas contribuíram para a formação de um constante olhar preconceituoso sobre as populares feiras livres de rua como forma de abastecimento alimentar. A feira livre passou a ser considerada como o arcaico e o anti-higiênico, um fenômeno da informalidade urbana, consequência da expansão de parte pouco capitalizada do setor terciário e da busca de novas formas de sobrevivência material pelas classes populares.

As feiras livres passaram a ser reconhecidas pela sua condição de expressiva atividade econômica para as camadas sociais populares. Como uma alternativa das classes marginalizadas para a sobrevivência material, se transformou em uma “sociabilidade alternativa ao projeto dominante, que se desenvolve marginalmente, nos interstícios destes territórios econômicos, como uma luta criativa contra a norma” (idem, 2008, p.75).

A expansão da informalidade, reflexo da conjuntura econômica e do descaso das autoridades locais para com a fiscalização, resulta na formação de uma nova ambiência nas feiras livres. Uma ambiência que, se por um lado pode afastar o consumidor, pelo contraste absoluto com a organização, segurança, higiene e conforto oferecidos pelos grandes estabelecimentos varejistas, por outro mantém a feira livre como espaço de sociabilidade resistente, como ambiência alternativa, como pitoresco. (ibidem, 2005, p.\_\_\_\_).

A dimensão ideológica da modernização do varejo alimentar está presente desde as novas regras higienistas trazidas ao comércio de alimentos até o apelo estético com que os supermercados expõem seus produtos ou uniformizam seus funcionários. A liberdade e as facilidades do auto-serviço é massivamente propagandeada como um novo modelo de progresso na forma de se comprar alimentos. O amplo horário de funcionamento facilmente se adapta ao tempo imposto da vida e do trabalho moderno, o que representa um grande contraste com as restrições de horários das feiras livres, com data e horários específicos para funcionamento.

Recria-se dentro dos ambientes fechados dos supermercados um novo mundo paradisíaco do consumo, uma reprodução do *american way of life* e, portanto, do progresso. Este novo ambiente do consumo moderno alimentício nega o contato com a rua, com a heterogeneidade do urbano. Interessante notar, no entanto, que muitas vezes em alguns aspectos os super e hipermercados continuam a reproduzir em seu interior o ambiente da tradicional feira livre em setores como o de *hortifruti*. Em alguns estabelecimentos pode-se notar a presença de toldos simulando as coberturas das barracas de feiras e as bancas de exposição dos produtos aos moldes das tradicionais bancas das populares feiras livres de rua. Quase uma construção cenográfica possivelmente com o intuito de retomar um pouco do ar bucólico e informal das feiras livres de rua.

O uso do termo “fazer a feira” para fazer referência ao ato de comprar produtos do tipo *hortifruti*, mesmo quando tal atividade é feita em supermercados, é bastante ilustrativo da força da tradição que as feiras livres ainda tem no cotidiano do brasileiro. Em depoimento registrado no vídeo “A Capital das feiras livres” (2011), que discute o funcionamento de uma feira livre e a relação entre consumidores e produtores na capital paulista, um dos entrevistados afirma “fazer a feira nos supermercados” pela conveniência de horários que este tipo de estabelecimento proporciona, apesar de preferir o clima informal das feiras livres de rua.

Se antes eram os preços que atraíram as pessoas a fazerem a feira, hoje é o encontro semanal com o vizinho, com o amigo feirante. Uma forma de lazer frente à rotina conturbada da cidade grande. (FEIRAS livres - Curitiba, 2011).

## 4 O IMAGINÁRIO DA FEIRA E SUA RESISTÊNCIA<sup>4</sup>

### 4.1 “É dia de feira!”: Estudos empíricos

As populares feiras livres de rua passaram de uma tentativa de modernizar o antigo modelo de comércio varejista de bens alimentícios herdado do antigo Rio colonial no início do século XX para uma atividade frequentemente ameaçada pela hegemonia das modernas formas de varejo alimentar nos dias de hoje. Ainda assim, as feiras livres resistem como uma tradicional atividade urbana.

Dadas as restrições de tempo e da natureza do tipo de trabalho do qual este se trata, é importante registrar que o objetivo principal deste não foi a realização de um levantamento amplo e rigoroso que explique os motivos (econômicos, sociais e culturais) da resistência das populares feiras livres no seio de uma metrópole como a do Rio de Janeiro. No entanto, procurou-se levantar alguns pontos que possam contribuir para o entendimento da força de tal tradição urbana assim como para embasar trabalhos futuros que possam vir a investigar tais questões com maior rigor metodológico.

O município do Rio de Janeiro conta hoje com 136 feiras livres reconhecidas oficialmente pela poder público municipal<sup>5</sup> distribuídas nas suas cinco áreas de planejamento e trinta e três regiões administrativas.

Foram coletados depoimentos em algumas destas feiras livres com o intuito de compreender, através da visão dos próprios feirantes e frequentadores, por quê tal atividade ainda se mostra tão tradicional. Ao mesmo tempo, foram também coletados depoimentos de frequentadores de estabelecimentos comerciais de uma grande rede de *hortifruti* com o intuito de identificar pontos importantes na construção de um imaginário sobre as feiras livres a partir do ponto de vista de quem não as frequenta. Para a coleta dos primeiros depoimentos foram selecionadas três feiras livres no município cuja escolha se deu com base na localização geográfica das mesmas e nas características sociais, econômicas e urbanísticas do bairro ou

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar que o termo ‘resistência’ aqui empregado não faz referência a nenhuma espécie de movimento organizado de resistência mas a uma resistência residual frente à imposição hegemônica das modernas formas de varejo alimentar.

<sup>5</sup> Fonte: Relação de Feiras Livres do Município do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Ordem Pública. Documento disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/web/seop/exibeconteudo?article-id=152826>> Acessado em 14 de abril de 2013.



região onde se inserem. Assim, entre as três feiras livres escolhidas estão feiras que ocorrem semanalmente em áreas da Zona Sul, Norte e Oeste da cidade do Rio. Já para a coleta de depoimentos de frequentadores da rede de *hortifruti* foram selecionados três estabelecimentos localizados também nas zonas sul, norte e oeste do município.

A primeira entre as feiras estudadas é a tradicional feira que ocorre na Rua General Glicério, em Laranjeiras, bairro da Zona Sul do município do Rio de Janeiro. Tal feira é tradicionalmente marcada pela intensa sociabilidade e “clima de confraternização” que a acompanha, característica que talvez seja intensificada pela forma de organização das barracas da feira livre, que se distribuem linearmente ao longo da Rua General Glicério e Professor Ortiz Monteiro e ao redor de uma pequena praça denominada Jardim Laranjeiras, que funciona como uma espécie de adro no meio da feira livre onde se instalaram barracas de bebidas e de música. Nesta praça ocorre tradicionalmente um encontro de músicos de chorinho semanalmente nos momentos finais da feira. Possivelmente tais características contribuíram para que esta feira se consolidasse como forte ponto de encontro e de confraternização semanal como hoje o é.

**Figura 1 – Feira Livre da Rua General Glicério, Laranjeiras.**



**Fonte: Acervo pessoal da autora (01 de dezembro de 2012)**

**. Figura 2 – Feira Livre da Rua General Glicério, Laranjeiras. Movimento na Praça Jardim Laranjeiras.**



**Fonte: Acervo pessoal da autora (12 de janeiro de 2013)**

**. Figura 3 – Feira Livre da Rua General Glicério, Laranjeiras. Banda de chorinho na Praça Jardim Laranjeiras.**



**Fonte: Acervo pessoal da autora (01 de dezembro de 2012)**

A segunda das feiras selecionadas é uma menor, porém também tradicional, feira que acontece na Rua Alzira Brandão, no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Tal feira é conhecida pelo grande numero de barracas de pescado e pelo famoso pastel do 'Simpatia'.

**Figura 4 – Feira Livre da Rua Alzira Brandão, Tijuca.**



**Fonte: Acervo pessoal da autora (08 de março de 2013)**

Já a terceira feira funciona na Praça São Perpétuo, Barra da Tijuca, bairro marcado por ter sido planejado dentro dos preceitos do urbanismo modernista onde a rua perde seu sentido como local da permanência para se tornar o lugar do automóvel.

**Figura 5 – Feira Livre Praça São Perpétuo, Barra da Tijuca.**



**Fonte: Acervo pessoal da autora (10 de março de 2013)**

A escolha dos três estabelecimentos de *hortifruti* onde os demais depoimentos foram coletados se deu com base na sua proximidade com os locais de funcionamento das feiras livres escolhidas. Assim, foram coletados depoimentos em estabelecimentos que se localizavam nos próprios bairros onde estas feiras livres ocorrem, guardando grande proximidade entre o ponto de funcionamento das feiras livres e o destes estabelecimentos.

## 4.2 Feiras livres: tradição e resistência

Foram coletados entre dez e doze depoimentos em cada uma das feiras visitadas. Estes depoimentos foram levantados de maneira livre, onde a pesquisadora somente induzia o início da fala questionando a opinião do entrevistado sobre os motivos da força e resistência das populares feiras livres de rua mesmo diante da hegemonia dos super, hipermercados e *hortifrutis*. Apesar das diferenças socio- econômicas e urbanísticas entre os bairros onde as feiras livres estudadas se inserem, a análise dos depoimentos coletados aponta para questões similares onde os entrevistados constantemente levantam a qualidade dos produtos comercializados nas feiras livres e a pessoalidade existente nesta forma de troca em detrimento da impessoalidade dos supermercados como pontos que contribuiriam para a manutenção da força das feiras livres como tradicionais modalidades de varejo alimentar e tradição urbana. A pessoalidade das relações de troca tecidas no interior das feiras livres é apontada por grande parte dos frequentadores como um dos fortes motivos por preferirem as feiras livres aos supermercados.

Neste ponto me parece ocorrer um fato bastante irônico pois justamente a lógica do auto serviço, da impessoalidade imposta pela modernidade das formas de varejo alimentar trazidas pelos super e hipermercados acaba se tornando um dos fatores que contribui para que parte dos frequentadores de feiras livres entrevistados prefiram procurar alguns produtos na feira. Estas relações de pessoalidade construídas no contato direto freguês-feirante possibilitam uma espécie de “atendimento personalizado” onde a confiança parece ser um fator fortalecedor e que resulta em uma certa fidelidade entre feirantes e fregueses que buscam pelas mesmas barracas semanalmente, possibilitando a construção de laços além da fria relação vendedor-cliente. É comum a construção deste tipo de laços entre frequentadores das feiras livres e feirantes assim como é também comum que o feirante conheça como grande parte dos seus fregueses mais fiéis gostam de determinados alimentos.

“No supermercado todo mundo bota a mão, amassa! Aqui o freguês pede: ‘escolhe!’” (Trecho de depoimento coletado pela autora na Feira Livre da Rua General Glicério, em 02 de fevereiro de 2013). O auto serviço dos supermercados é colocado aqui como um ponto negativo. Na feira, o feirante escolhe e indica o

produto para o freguês – é o oposto das relações de impessoalidade existentes nos supermercados: “O dono do supermercado não aparece para negociar com o cliente” (idem ao trecho anterior).

Em outro depoimento coletado, quando questionado sobre os motivos que faziam das feiras livres atividades ainda tão populares, o feirante entrevistado relata:

Eu acho que é o calor humano, ‘pra’ se distrair um pouco. Hoje em dia o pessoal vive todo nesta indústria do terror, vivem todos trancados dentro de casa. É uma oportunidade de você estar livre e sair de casa. (Trecho de depoimento coletado pela autora na Feira Livre da Praça São Perpétuo, Barra da Tijuca, em 10 de março de 2013).

O depoimento acima citado nos remete a um ponto importante desta tradição urbana: o da tomada da rua como lugar do lazer, do encontro, da sociabilidade na sua forma lúdica. Diante da privatização dos espaços públicos, da agorafobia, da negação da cidade e dos espaços de franco acesso, do temor do outro, as feiras livres constituem importantes tradições urbanas que vão na contramão desta lógica, uma forte tradição de rua.

“As pessoas se reúnem pra conversar”, “[...] no supermercado não tem isso. Você para pra conversar, o feirante conta a vida toda” (Trechos de depoimentos coletados na Feira Livre da Rua General Glicério, Laranjeiras, em 02 de fevereiro de 2013). “A essência da feira está no contato físico entre usuário e feirante. [...] As vezes eu prefiro pagar mais caro aqui mas estar comprando de alguém e não de um supermercado. [...] É meio prazeroso fazer feira às vezes” (Trecho de depoimento coletado na Feira Livre da Rua Alzira Brandão, Tijuca, em 08 de março de 2013). “A gente começa de freguês para cliente e depois a coisa muda de uma tal maneira que a gente vira amigo, uma família. Eu passo muito mais tempo junto com o freguês do que com a minha própria família” (Trecho de depoimento coletado na Feira da Praça São Perpétuo, Barra da Tijuca, em 10 de março de 2013).

A feira livre na verdade é o segundo lugar mais democrático do nosso país. O primeiro lugar é a praia, onde você encontra todo mundo e depois é a feira, onde todos se encontram independente de nível social, do que tem no bolso, de religião. E as pessoas se encontram e se sentem bem um com o outro. (Trecho de depoimento coletado na Feira da Praça São Perpétuo, Barra da Tijuca, em 10 de março de 2013).

Os trechos de depoimentos acima citados sugerem que o tipo de sociabilidade que tais feiras livres possibilitam tem um peso muito forte na construção de um imaginário sobre estas e pode ser um fator importante que influencia na manutenção da força desta tradição. Nos depoimentos, constantemente são pontuadas questões como a personalidade e a democracia de acesso que estes territórios representam como fatores de enaltecimento das feiras livres.

Por outro lado, a análise dos depoimentos coletados nos estabelecimentos do tipo *hortifruti* evidenciam a força que estas modernas modalidades de abastecimento alimentar assumem por se tratarem de um modelo fortemente adaptado ao cotidiano e ao modo de vida moderno de uma metrópole como a do Rio de Janeiro. Em grande parte dos depoimentos, as facilidades dadas pelo amplo horário de funcionamento em detrimento da baixa frequência, na maioria das vezes apenas semanal, das feiras livres é colocado como um dos fatores determinantes para a escolha daqueles estabelecimentos. “A feira é limitada porque ela só tem um dia na semana, quando eu perco um dia da semana eu tenho que vir ao hortifruti” (Trecho de depoimento coletado pela autora em hortifruti no bairro da Tijuca, em 27 de março de 2013). “Você não tem feira todos os dias perto do lugar onde você mora, é uma vez por semana e nem sempre naquele dia que tem a feira você está com tempo disponível para ir à feira”. Ainda: “O hortifruti, o dia e a hora que eu quero tem as coisas fresquinhas [...] posso usar o cartão [...]. As vezes a gente tem uma necessidade mais urgente” (Idem ao trecho anterior).

É interessante notar que em grande parte dos depoimentos coletados os entrevistados afirmam ter frequentado feiras livres por um longo período de tempo e até preferirem este tipo de modalidade de varejo alimentar. Apesar disto, afirmam ainda terem deixado de frequentar pela falta de tempo e pelas praticidades oferecidas pelos estabelecimentos do tipo *hortifruti*. “Eu prefiro feira, sempre costumo ir à feira. Hoje, pela falta de tempo, eu tive que vir ao *hortifruti* mas eu prefiro a feira, o preço é melhor [...] porque é negociável” (Trecho de depoimento coletado pela autora em *hortifruti* no bairro da Tijuca, em 27 de março de 2013). Em outro depoimento também coletado no bairro da Tijuca, a entrevistada afirma não frequentar mais feiras livres pelo fato de a única feira que existia próximo ao local onde mora ter sido extinta há alguns anos.



Enquanto em alguns dos depoimentos a personalidade no atendimento oferecida pela feira livre é colocada como um fator positivo, em alguns outros depoimentos, no entanto, este mesmo ponto é levantado como negativo.

Eu prefiro a feira [...] a feira já tem aqueles feirante que eu conheço, eles dizem se está boa a fruta ou não está, 'leva essa, leva aquela'. [...] Aqui [no *hortifruti*] as vezes até dá pra provar mas [na feira] é como se fosse uma coisa mais de confiança, eu compro o que eu quero, peso, vou lá na outra barraca (Trecho de depoimento coletado pela autora em *hortifruti* no bairro da Tijuca, em 27 de março de 2013).

Em oposição ao depoimento anterior, um dos entrevistados em um *hortifruti* na rua de laranjeiras afirma: “O feirante escolhe, raramente ele te dá a possibilidade de escolher [...] aí você tem que conferir”. Ainda: “Os preços da feira livre estão quase iguais aos dos supermercados e aqui você pode escolher, já na feira livre é mais difícil, já fazem cara feia”.

Outro ponto mencionado em alguns depoimentos coletados é a vantagem das diversas formas de pagamento possibilitadas por aqueles estabelecimentos comerciais. Somado a isto, a higiene, a ordem, a ambientação climatizada e a formalidade destes estabelecimentos comerciais também são citados como fatores positivos diante da ambiência aparentemente informal das populares feiras livres. “Aqui [no *hortifruti*] você tem uma entidade jurídica por trás que se tiver qualquer problema de qualidade você vem aqui e reclama e na feira você não tem essa certeza.” (Trecho de depoimento coletado pela autora em um *hortifruti* da Rua de Laranjeiras, em 27 de abril de 2013). Em outro depoimento coletado no mesmo local, o entrevistado parece acreditar no fim das populares feiras livres quando afirma que “Feira pra mim já era! Não oferece nada a mais do que o supermercado e coisas assim tipo *hortifruti* [...] conforto, segurança e as mesmas vantagens”.

Por outro lado, apesar de frequentar estabelecimentos do tipo *hortifruti* pela falta de tempo, umas das entrevistadas afirma preferir e reconhecer as feiras livres como fortes representantes da cultura local:

Eu prefiro comprar na feira mas como eu trabalho a semana toda - as feiras geralmente são durante a semana - eu não tenho tempo. Eu tenho que trabalhar e não consigo ir para a feira e a feira que tem domingo aqui perto é longe para mim. [...] Mas eu preferiria a feira porque ela tem uns produtos muito mais frescos e [...] eu adoro feira! Quando eu procuro viajar eu procuro ir às feiras livres porque você sabe do povo, você sabe da cultura, sabe da comida [...]. Aqui é legal, é tudo limpinho, bonitinho mas, você vê, aqui o peixe é congelado, na feira você tem o peixe fresco, você tem o frango fresco

[...] eu vou me aposentar e aí vou poder ir à feira. (Trecho de depoimento coletado pela autora em *hortifruti* no bairro da Tijuca, em 27 de março de 2013).

É importante notar que a questão da pessoalidade, ambiência informal e sociabilidade das feiras livres são usados como argumentos principais para defender a preferência por esta modalidade de abastecimento alimentar apesar de os entrevistados também frequentarem estabelecimentos como o *hortifruti*.

Eu frequento feira livre há quarenta e três anos [...] e eu gosto da feira livre porque o contato que a gente tem com os feirantes, fazendo amizade, torna-se interessante. Também compro no mercado [...] mas prefiro a feira do que o mercado. (Trecho de depoimento coletado pela autora em *hortifruti* no bairro de Laranjeiras, em 27 de março de 2013).

Outra entrevistada que afirma frequentar *hortifruti* pela comodidade da proximidade de sua residência afirma: “Acho que se tivesse uma feira a gente iria, até pelo passeio, porque a feira é um passeio, uma diversão.”

A análise dos depoimentos coletados nos mostra que a adequação das modernas formas de varejo alimentar aos modos de vida e cotidiano impostos pela modernidade, a ambiência formal, o conforto, as diversas possibilidades na forma de pagamento oferecidos pelas modernas formas de varejo alimentar são fatores que fortemente contrastam com a ambiência informal das feiras livres, algumas vezes acusadas de obsolescência.

Ainda assim, em grande parte dos depoimentos coletados, os entrevistados que afirmam preferirem as feiras livres na maioria das vezes o fazem pela pessoalidade e pelo tipo de sociabilidade tecida nestas populares atividades. As mesmas se configuram não só como modalidade de abastecimento alimentar mas também como atividade onde o uso da rua e a sociabilidade urbana são potencializados.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Instituídas formalmente como novo modelo estratégico voltado para a modernização das arcaicas formas de varejo alimentar herdadas do período colonial no início do século XX na cidade do Rio de Janeiro, as populares feiras livres se consolidaram como uma tradição urbana impregnada na cultura da vida de rua desta cidade. Alternativa para o controle e a redefinição de antigas territorialidades populares inseridas nos espaços públicos do Rio de Janeiro através das diversas modalidades de varejo alimentar, as populares feiras livres nasceram oficialmente nesta cidade sob a ideologia do rompimento com o velho. Esta nova modalidade de abastecimento alimentar, rigidamente controlada pelo poder público no início do século XX, foi parte integrante de um amplo plano que remodelou a área central do Rio de Janeiro não somente no tocante à sua forma urbana como também nas práticas cotidianas e populares desenvolvidas nos seus espaços públicos.

Na segunda metade do século XX, a modernização do varejo alimentar influenciada por modelos norte americanos e seu *american way of life*, o fortalecimento das ideologias pregadas pelo urbanismo progressista fez com que as populares feiras livres perdessem parte da sua força como modalidade de abastecimento alimentar. Ainda assim, negando previsões de extinção, tais atividades resistem como forte tradição urbana.

É importante ressaltar novamente que, dadas as restrições de tempo e da natureza do tipo de trabalho do qual este se trata, o objetivo principal deste não foi a realização de um levantamento amplo e rigoroso que explique os motivos (econômicos, sociais e culturais) da resistência das populares feiras livres no seio de uma metrópole como a do Rio de Janeiro. Neste trabalho tentamos levantar alguns pontos que poderão nos auxiliar em investigações futuras sobre o tema. Quais os fatores que fazem tal tradição se manter ainda tão rica?

Ao que parece, em que pesem os fatores sócio econômicos que fazem das feiras livres ainda importante modalidade de abastecimento alimentar na cidade do Rio de Janeiro, a cultura do “fazer a feira” está impregnada de significados que contribuem para que esta tradição urbana permaneça com toda a força que ainda possui. Os depoimentos coletados evidenciam que, para grande parte dos entrevistados, o tipo de sociabilidade construída no interior destas atividades pode ser um fator importante para a manutenção da riqueza de tal. Neste ponto, nossa

análise vai de encontro às ideias defendidas por Mascarenhas (2008, p.81) quando diz que “em contraposição ao ambiente frio e formal dos supermercados, as feiras constituirão um verdadeiro reduto comunitário dentro da cidade de concreto”. Para este autor, as feiras livres são expressivos espaços de sociabilidade, o que é também bastante evidente em grande parte dos depoimentos coletados ao longo do nosso trabalho.

Historicamente, a regulação das populares feiras livres significou uma tentativa de ordenamento do próprio uso e territorialidades construídas nos espaços públicos. Somado a isto, o uso das feiras livres como modalidade estratégica de varejo alimentar voltada para a modernização do antigo Rio colonial evidencia que a criação das feiras livres esteve intimamente ligada aos planos de modernização urbana desenvolvidos por Pereira Passos no início do século XX. Hoje, ainda que ameaçada frente às modernas formas de varejo alimentar fortemente adaptadas aos modos de vida impostos pela modernidade e, indo na contramão da promoção da rua como o lugar do inseguro e da agorafobia, as feiras livres permanecem como forte tradição urbana impregnada na cultura da vida de rua do Rio de Janeiro.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A CAPITAL das Feiras Livres.** São Paulo: Movimento Sou Agro, 2011. Video disponível em <<http://www.souagro.com.br/a-capital-das-feiras-livres-2>> Acesso em: 01 fev. 2013.

BAUMAN, Zygmund. **Confiança e medo na cidade.** Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009 [2005]

BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos: um Haussmann tropical.** Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, coleção Biblioteca Carioca, vol.11, 1990.

BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Feiras Livres: Lugares de Sociabilidade. Possibilidades de vida urbana contra a morte da rua em Viçosa, Minas Gerais.** 2009. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 2009.

BONDUKI, Nabil. **Feiras Livres?**. Em: Efêmero Concreto. N.02. Agosto de 2012. Pags. 44 a 48. Disponível em: <<http://efemeroconcreto.com.br/?p=417>> Acesso em: 16 jan. 2013.

**FEIRAS Livres – Curitiba.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011. Video disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=NNzzclgOLFf>> Acesso em: 01 fev. 2013.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular.** 2010. USP. São Paulo. Disponível em <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/140/174>> Acesso em: 21 mai. 2012.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de grandes cidades.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 [1961].

JORNAL DO BRASIL. **A Feira de todos os dias.** Ensaio Fotográfico. Revista Domingo (ano 15, numero748, de 02/09/1990: p.8-10). Disponível em <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19900902&printsec=frontpage&hl=pt-BR> Acesso em: 21 jan. 2013.

JUNIOR, Heitor Frúgoli. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feiras Livres: Informalidade e espaços de sociabilidade**. In: Colóquio Internacional Comércio, Cultura e Políticas Públicas em tempos de globalização, 2005, Rio de Janeiro. Anais do Colóquio Internacional Comércio, Cultura e Políticas Públicas em tempos de globalização, 2005. V.1; Disponível em <[http://www.ess.ufrj.br/site\\_coloquio/mesa2\\_05.pdf](http://www.ess.ufrj.br/site_coloquio/mesa2_05.pdf)> Acesso em: 16 abril 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. **O lugar da feira-livre na grande cidade capitalista: conflito, mudança e persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989)**. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1991.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira Livre: **Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea**. Revista Eletrônica Ateliê Geográfico – UFG – IESA. V.2, n.4. ago2008. P.72-87. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/4710>> Acesso em: 16 abril 2009

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. **Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)**. In: Caminhos de Geografia 23 (17) 244 - 249, fev/2006. Disponível em < <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 22 maio 2012.

SIMMEL, Georg. **Sobre la Individualidad y las formas sociales: Escritos Escogidos**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Ediciones, 2002.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a Feira”: Estudo Etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004. Disponível em < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3731/000403659.pdf?sequence=1>> Acesso em: 30 set. 2012.

SATO, Leny. **Processos Cotidianos de Organização do Trabalho na Feira Livre**. Psicologia & Sociedade; 19, Edição Especial 1: 95-102, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea13.pdf>> Acesso em: 30 set. 2012.